

**JOÃO GRILO: DA ITÁLIA MEDIEVAL AO SERTÃO
NORDESTINO, A TRAJETÓRIA DE UM PÍCARO
MULTIFACETADO**

**JOÃO GRILO: FROM MEDIEVAL ITALY TO THE
NORTHEASTERN BACKLANDS, THE TRAJECTORY OF A
MULTI-FACETED ROGUE**

Marcus Haurélio Fernandes Farias¹

ORCID: <https://orcid.org/:0009-0004-1647-2763>

Enviado em: 15/02/2026

Aceito em: 27/04/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: Este artigo se propõe a estudar, sob uma nova perspectiva, um dos personagens mais queridos da literatura de cordel brasileira, o pícaro João Grilo, apresentando suas características definidoras, contradições e movências entre os imaginários medieval e nordestino. Protagonista do folheto *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, e da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, aparentado do pícaro espanhol Lazarilho de Tormes, este “amarelinho” exerceu algumas funções ao longo do tempo, variando entre médico e adivinho até converter-se em burlador impiedoso. Em nossa viagem em busca das raízes medievais de João Grilo, recorreremos a autores como Teófilo BRAGA (2002), Angelo de GUBERNATIS (1872) e David GENTILCORE (2006).

Palavras-chave: Cordel; Conto popular; João Grilo.

Abstract: This article aims to study, from a new perspective, one of the most beloved characters in Brazilian cordel literature, the rogue João Grilo, presenting his defining characteristics, contradictions and displacements between the medieval and northeastern imaginaries. Protagonist of the pamphlet *Proezas de João Grilo*, by João Ferreira de Lima, and of the play *Auto da Compadecida*, by Ariano Suassuna, a relative of the Spanish rogue Lazarilho de Tormes, this “amarelinho” (“little yellow guy”) performed several functions over time, varying between doctor and fortune teller until becoming a ruthless trickster. In our journey in search of João Grilo’s medieval roots, we turned to authors such as Teófilo BRAGA (2002), Angelo de GUBERNATIS (1872) and David GENTILCORE (2006).

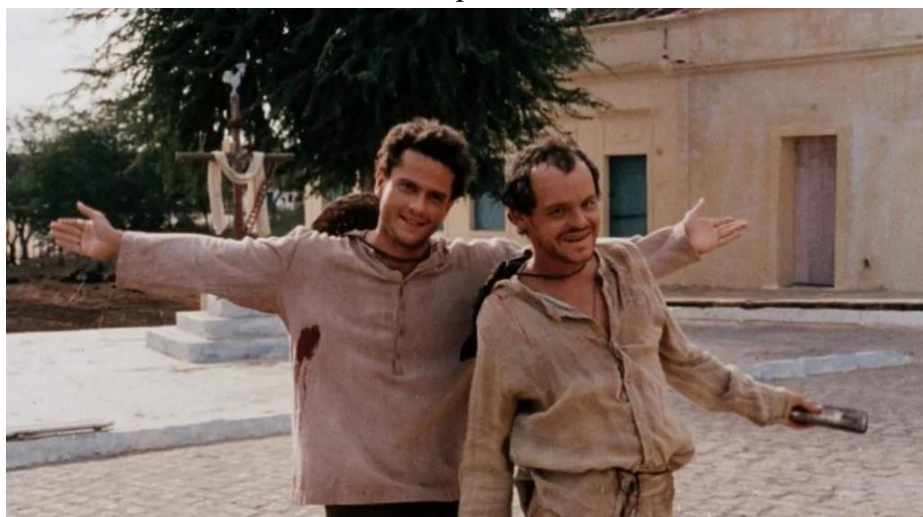
Keywords: Cordel; Folk tale; João Grilo.

¹ A Casa Tombada – vinculada à Faculdade de Conchas – Faconnect (colaborador). Mestre. E-mail: marcohaurelio@gmail.com; link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/693101124227399>.

Introdução

Em janeiro de 1999, a Rede Globo de Televisão levou ao ar a primeira versão televisiva da peça *Auto da Compadecida* (Suassuna, 2018), de Ariano Suassuna (1927-2014), adaptada em minissérie de quatro capítulos. O sucesso, apesar da direção criativa de Guel Arraes e do roteiro sob medida de Adriana Falcão e João Falcão, parece ter ido além da expectativa, a ponto de a obra, remontada e com duração menor, ter sido convertida em longa-metragem lançado, no ano seguinte, nos cinemas, batendo recorde de bilheteria. Com um elenco estelar, encabeçado por Matheus Nachtergaele e Selton Mello, nos papéis de João Grilo e Chicó, e Fernanda Montenegro como a Compadecida (Nossa Senhora), aquela era a terceira versão cinematográfica da história: outras foram filmadas em 1969 (com Armando Bógus e Antônio Fagundes) e 1987 (com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum e Zacarias).

Fig. 01 – Selton Melo e Mateus Nachtergaele como Chicó e João Grilo no filme *O auto da Compadecida* (2000).



Fonte: Reprodução/Columbia Tristar/Globoplay

Muitos expectadores, no entanto, desconheciam não somente a origem das histórias que compunham a peça, mas também a origem do principal personagem, João Grilo, o esperto amarelinho que sobrevive aplicando pequenos golpes na cidade

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

de Taperoá, no sertão paraibano, até o momento em que terá de se defrontar, literalmente, com Deus e o Diabo. Além da literatura de cordel, onde desfruta de grande popularidade, João Grilo aparece em contos jocosos, alternando-se, a depender da versão, entre um espertalhão que encara, sem medo, debates com sultões e sábios de várias partes do mundo, e um tolo metido a adivinhão, contando somente com a sorte e uma série de coincidências. Ocorre que, da mesma forma que outros dois pícaros famosos no anedotário e no cordel, os poetas portugueses Camões e Bocage², o João Grilo folclórico é o desdobramento de um personagem histórico que viveu na Itália, quatro séculos antes do autor dos *Lusíadas*, e exerceu o ofício de médico. É o que se buscará comprovar, nas próximas páginas, apoiado em referências de vários períodos, incluindo um estudo atual sobre medicina e charlatanismo na Itália.

1. Antes do Teatro, o Cordel

João Grilo, o protagonista da peça, encarna o arquétipo do anti-herói nordestino, sobrevivendo à base manhas e truques, e ludibriando os poderosos (representados pelo clero e pelos coronéis) na obra imortal de Ariano Suassuna. A divisão em três atos justifica-se pelo fato de a peça ser baseada em três folhetos de cordel:

O cavalo que defecava dinheiro, de autoria de Leandro Gomes de Barros, que traz a história de um espertalhão morador da cidade de Macaé, que ludibria um duque avarento e desumano. Deste folheto, Suassuna extraiu os episódios do gato que “descome” dinheiro e do instrumento musical que, supostamente, ressuscita os mortos;

O dinheiro ou O testamento do cachorro, também de Leandro Gomes de Barros, no qual Suassuna se inspirou para compor a cena do testamento da cachorra do

² Trata-se, obviamente, dos poetas portugueses Luís Vaz de Camões (1524-1579 ou 1580) e Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), personagens de facécias e protagonistas de incontáveis folhetos de cordel.

padeiro. O mote da história vem de um conto popular, com versões divulgadas em muitos países, inclusive num *fabliau* francês;

O castigo da soberba, atribuído a Silvino Pirauá de Lima pelo próprio Suassuna, neste, que é o terceiro ato, aparece o auto propriamente dito, com o motivo do julgamento celeste, em que Jesus, Nossa Senhora e o Diabo atuam como num tribunal, com funções bem delimitadas.

Os folhetos supracitados foram reunidos, pelo folclorista cearense Leonardo Mota, na antologia *Violeiros do Norte* (Mota, 1962), cuja edição *princeps* é de 1926. Da referida obra, Suassuna pinçou, ainda, a invocação de João Grilo a Nossa Senhora, por ocasião de seu julgamento pelo tribunal celeste, um poema jocoso atribuído a um obscuro cantador baiano de alcunha Canário Pardo.

Em nenhum desses folhetos, João Grilo aparece “de cara limpa”. Sua estreia no cordel deu-se, de fato, em 1932, no folheto *Palhaçadas de João Grilo*, do poeta e astrólogo João Ferreira de Lima. Ampliado depois, com a inclusão de muitos episódios de contos populares distintos, a mando do editor João Martins de Athayde, foi rebatizado como *Proezas de João Grilo* e lançado em 1948, tornando-se uma das mais célebres criações da literatura de cordel brasileira.

Mas, qual a razão do sucesso do folheto e, por que não dizer?, do personagem? É o que tentaremos responder nas páginas seguintes.

2. Antes do Cordel, a Tradição Oral

O herói que se fez nordestino nos processos adaptativos da tradição oral e do cordel pode ser rastreado em Portugal nos contos “João Ratão (ou Grilo)” (1883) e “História de João Grilo” (1910), recolhidos por Teófilo Braga e Consiglieri Pedroso, respectivamente. O primeiro exemplar, muito truncado, mostra um carvoeiro passando-se por adivinhão na corte e propondo-se a desvendar um roubo. Pede três jantares ao rei e, na primeira noite, servido pelo criado, diz: “— O primeiro já cá está! O primeiro já cá está!”, aludindo ao prato. No dia seguinte, João Ratão canta: “— O

segundo já cá está!”, e o criado que o servia delata a si mesmo e aos companheiros, por acreditar que o adivinhão desvendara o segredo. João Ratão conquista a confiança do rei, que lhe oferece, para testá-lo uma vez mais, um copo com miço de porca. Depois de bebê-lo, aparvalhado ante a pergunta do rei, responde: “— Aqui é que a *porca* torce o rabo!”, sendo aclamado pelo monarca, que lhe concede a mão de sua filha. (Ver Braga, 2002, p. 270-271)

A versão de Pedroso é mais completa, próxima dos registros brasileiros, posteriores, de Câmara Cascudo, “Adivinha, adivinhão!”, e Doralice Alcoforado/Suárez Albán, “Amigo Grilo” e “Dão Grilo”. Nela, João Grilo é um pobrezinho que, obrigado pelos pais, vai à corte tentar desvendar quem roubou as joias da princesa. Como todos os que fracassaram haviam morrido, e o rapaz tinha apenas três dias para solucionar o caso, meteram-no num quarto, onde era servido por um criado. O processo é o mesmo, variando na frase: “— Já lá vai um! (...) — Já lá vão dois etc.” com o terceiro criado entregando os pontos e implorando ao rapaz para não o denunciar em troca da devolução das joias. Acordo feito, a princesa se nega a casar com aquele maltrapilho, forçando o rei a recompensá-lo com muito dinheiro, mantendo-o na corte como adivinho. O rei o testa, perguntando o que escondera na mão (um grilo) e o rapaz responde: “— Ai, Grilo, em que mãos estás metido!”, induzindo o monarca a acreditar que ele, de fato, adivinhara. Outra vez, esconde o rabo de uma porca, resultando em resposta similar ao conto recolhido por Braga e, por fim, quando está indo embora, o rei apanha “caganitas” de cabra na rua, e o rapaz, instado, responde, desdenhoso: “— Adeus! Adeus! Caganitas para vossa majestade!” (Ver: Pedroso, 2006, p. 338-340)

Similar ao conto baiano, narrado por Raimunda Salete Santos, no qual o Grilo, quando o rei apanha “uma bosta de boi seca”, exclama: “— Minha mulé (*sic*) bem me disse quando eu vim, que era de adivinhar, era de ser merda!” (Alcoforado; Albán, 2001, p. 415). Aluísio de Almeida, que registrou em São Paulo, a “História de João Grilo”, recorre a um eufemismo que causa estranhamento pela desconexão com o linguajar corrente na oralidade:

Depois, Sua Majestade mandou encher de fezes uma tigela (com perdão da palavra) e pôr na mesa no meio de outros pratos.

Perguntou o que era.

João Grilo nada de adivinhar. Só pôde mesmo dizer: Bem minha mãe me dizia que as minhas adivinhações iam dar em fezes! (Almeida, 1973, p. 24).

Na sistemática ATU³, o conto é classificado por Hans Jörg Uther, sob o número 1641, como *Doctor Know-All* (Doutor Sabe-Tudo), adaptado, no *Catálogo dos contos tradicionais portugueses*, como *Dão Grilo*, dada a proeminência do personagem, que aparece, com este nome, ainda, em duas versões recolhidas por Leite de Vasconcelos. Uther resume, nos seguintes termos, a história (última parte não consta dos exemplares luso-brasileiros):

Um fazendeiro chamado Crab [Caranguejo] (Cricket [Grilo], Rat [Rato]) se veste de médico e se autodenomina Doutor Sabe-Tudo [K1956].

Em troca de comida e hospedagem por três dias, se oferece para descobrir quem roubou um anel (tesouro) de um homem rico (rei). Será enforcado se falhar. Quando os servos entram na sala (ao final dos três dias), ele diz: “Esse é o primeiro (segundo, terceiro)”. Os servos acreditam que ele descobriu o roubo e admitem ter subtraído o anel [N611.1].

Para provar seu poder, ele deve dizer o que há dentro de um prato coberto (punho fechado). Não tem ideia e lamenta: “Pobre Caranguejo (Grilo, Rato)!” Para sorte dele, esta é a resposta certa [N688].

Dá um purgante a uma pessoa cujo cavalo foi roubado. Quando a pessoa tem que sair, encontra o seu cavalo desaparecido [K1956.1]. Ou o próprio Doutor Sabe-tudo esconde o cavalo e depois o descobre [K1956.2] (Uther, 2011, v. 2, p. 344, tradução nossa).⁴

³ O livro *Verzeichnis der märchentypen*, publicado em 1910, de autoria do folclorista finlandês Antti Aarne, professor da Universidade de Helsinque, reuniu, em um catálogo sistemático, os tipos predominantes dos contos de tradição oral. Em 1928, Stith Thompson, professor da Universidade de Indiana, o traduziu para o inglês, sob o título *The types of the international folktales*, com uma segunda edição revista e ampliada em 1961. Os contos catalogados passaram a ser conhecidos pela sigla AaTh (em homenagem aos dois folcloristas) seguida por um número indicativo do gênero a que pertenciam. Thompson, sentindo a necessidade de analisar mais amiúde não apenas os contos, mas também os mitos ao redor do mundo, publicou ainda, em seis volumes, *Motif-Index of Folk Literature*, compostos entre 1932 e 1936 e ampliados no final da década de 1950. A combinação de diferentes motivos de modo a compor uma narrativa coesa já havia sido proposta pelo russo Alexander Veselovsky (1838-1906). Em 2004, o professor Hans-Jörg Uther, publicou o livro *The types of international folktales: a classification and bibliography* (2004, reeditado em 2011), procedendo a uma profunda revisão no sistema, que passou a ser chamado de ATU (sigla com as iniciais dos três proponentes).

⁴ Na versão em inglês: “Doctor Know-All. A farmer named Crab (Cricket, Rat) dresses as a doctor and calls himself Doctor Know-All [K1956].

3. João Grilo na Literatura de Cordel

O pesquisador do cordel Ribamar Lopes, que conhecia apenas uma versão portuguesa do referido conto, publicada em antologia organizada por Viale Moutinho e adaptada a partir das versões tradicionais, afirmava existirem diferenças entre o João Grilo português, “um tolo ajudado pela sorte”, e o brasileiro, comparando a versão literária portuguesa ao folheto de cordel brasileiro (Ver Lopes, 1996, p. 40). Neste não consta o motivo N611.1 (descoberta accidental do roubo de joias). O episódio, que converge também para o ciclo de Pedro Malazarte, aparece no folheto *As perguntas do rei e as respostas de João Grilo*, de Antônio Pauferro da Silva, analisado por Théo Brandão (Cf. Brandão, 1982) em estudo amparado por ampla bibliografia.

Fig. 02 – Proezas de João Grilo, de João Ferreira de Lima. Folheto editado em Juazeiro do Norte, 1951, sem atribuição de autoria. Capa: Eliezer de Athayde.



Fonte: Cordelteca Virtual da Fundação Casa de Barbosa

In exchange for food and lodging for three days, he offers to discover who stole a ring (treasure) from a rich man (king). He is to be hanged if he fails. When servants enter the room (at the end of the three days), he says, “That is the first (second, third)”. The servants believe he has discovered their theft, and admit to having stolen the ring [N611.1].

To prove his power, he must say what is inside a covered dish (closed fist). He has no idea and bemoans, “Poor Crab (Cricket, Rat)!” He is lucky that this is the right answer [N688].

He gives a purgative to a person whose horse had been stolen. When the person has to go outside, he discovers his missing horse [K1956.1]. Or Dr. Know-All hides the horse himself and then discovers it [K1956.2].

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

Proezas de João Grilo, o mais famoso cordel do ciclo, já mencionado acima, é do tipo miscelânico, reunindo, pelo menos, seis episódios distintos. Além de motivos difusos e várias páginas de perguntas e respostas, feitas por João Grilo a um professor, há outras, dirigidas ao herói por um sultão, ao gosto da tradição oriental presente também na *História da Donzela Teodora*. Uma destas, formulada pelo sultão Bartolomeu do Egito, por sinal, revive o mais famoso enigma da mitologia grega:

Perguntou: — Qual o animal
que mostra mais rapidez
que anda de quatro pés
de manhã por sua vez
ao meio-dia com dois
passando disto depois
à tarde anda com três?

O Grilo disse: é o homem
que se arrasta pelo chão
no tempo que engatinha
depois toma posição
anda em pé bem seguro
mas quando fica maduro
faz três pés com o bastão. (Lima, 1951, p. 18)

Lopes reproduz, em seu ensaio “Camões, João Grilo, Bocage e a Donzela Teodora”, do livro *Cordel: mito e utopia*, as duas setilhas acima, sem maiores considerações, além de exaltar a sua beleza poética; trata-se do enigma proposto pela Esfinge a Édipo, às portas de Tebas, o qual, desvendado pelo herói, induz ao suicídio o monstro lendário.

João Evangelista Nascimento Neto, que estudou as movências de João Grilo, da tradição oral ao cordel, do teatro à literatura infantil, compreendeu essas ambivalências como características intrínsecas a um personagem que se equilibra entre os opostos: uma figura das encruzilhadas, como os deuses mensageiros aos quais, de algum modo, ele está relacionado:

Do interior para a cidade, da periferia ao palácio, João Grilo transita por todos os espaços: o formal, onde habita a burguesia, e o informal, lugar do povo. Grilo

é o elemento estranho na corte, mas é aquele que liga os dois mundos. É malvisto, pré-julgado como parvo, descreditado pelos nobres, mas a sua presença é a prova incontestada do abismo econômico na sociedade. Seu chamado pelo rei comprova que ele é necessário para resolver uma pendência. Sem usar a força braçal, mas sim o intelecto, prova que está apto a fazer parte daquele sistema: tudo o que realmente deseja. (Nascimento Neto, 2014, p. 93)

O início do folheto, que narra o nascimento de João Grilo em condições excepcionais, por outro lado, parece ser uma compensação tardia à sua fama de adivinho fajuto, recuperando, em parte, o estatuto elevado que muitos sábios dotados da clarividência desfrutavam nas cortes:

E nasceu de sete meses
chorou no "bucha" da mãe
quando ela pegou um gato
ele gritou: — Não me arranhe,
não jogue neste animal
que talvez você não ganhe. (Lima, 1951, p. 1)

Mais adiante, essa condição excepcional é explicitada na primeira aventura de João, aos sete anos de idade, quando se torna órfão de pai. O embate do menino será com um padre, a quem oferece água em uma cuité (cuia de barro), usada pela mãe como penico. Esse rito de passagem, chamemos assim, associado ao número cabalístico 7, visto, pelo povo, como “conta de mentiroso”, ressalta as contradições de um personagem multifacetado, alternando entre o sábio decifrador de enigmas e o tolo afortunado. João Grilo ainda nasceu de sete meses e chorou no ventre da mãe, o que lhe confere a aura de adivinho segundo crenças arraigadas na psique coletiva. A faceta de adivinhão, que aparece nas já referidas versões de Câmara Cascudo, Sílvio Romero e Aluísio de Almeida, sendo João Grilo identificado apenas no último, foi explorada pelo poeta contemporâneo Pedro Monteiro, no folheto *João Grilo, um presepeiro no palácio*. A fonte, como dá a entender o autor, foi Câmara Cascudo, que coligiu em Natal (RN), junto a Benvenuta de Araújo, “Adivinha, adivinhão”, com nota final trazendo, além da classificação, vasta bibliografia:

Mestre Câmara Cascudo
Fez a catalogação
Desta pérola colhida
Na fonte da tradição,
Fincada lá nos guardados
De nossa imaginação. (Monteiro, Tupynanquim, 2010)

Para uma parcela importante dos leitores, trabalhadores rurais da zona da mata pernambucana, cinco décadas atrás, a popularidade do João Grilo vingador, que se sobrepunha à do adivinhão, era um reflexo de sua situação precária. O depoimento de Renato Carneiro Campos, que estudou a ideologia dos poetas populares, não deixa margem à dúvida:

Em diversos engenhos de Pernambuco pudemos constatar a grande popularidade do folheto de João Ferreira de Lima, editado por João Martins de Athayde. Muitos trabalhadores de engenho ou usina designam por “João Grilo” pessoas ladinas, vencedoras de situações difíceis. (Campos, 1977, p. 57)

João Grilo, avatar de Lazarillo de Tormes⁵ na peça de Suassuna, adivinho, decifrador de enigmas e burlador de poderosos no cordel, com tantas facetas distintas, acabou por constituir-se num enigma em si mesmo. Por isso, suas encarnações nos ajudarão a compreender suas aparentes contradições.

4. Adivinho, Médico e Burlão: o (anti-)Herói de Três Faces

O etnólogo italiano Angelo de Gubernatis, em sua influente obra *Mitologia zoológica*, ao estudar o grilo, relacionado ao gafanhoto, explica a associação deste inseto ao adivinho e a possível ligação com o personagem folclórico:

⁵ Lazarillo de Tormes, novela publicada em 1554, na Espanha, sem autoria reivindicada, traz como protagonista, o personagem-título, espertalhão que narra, em primeira pessoa, sua vida errante e suas peripécias para sobreviver à margem do poder real e eclesiástico. Boa parte de seus episódios refletem contos faceciosos, correntes na boca do povo, mas também o ambiente contestatório do humanismo, resultando em uma mescla de elementos folclóricos a outros mais realistas. Stélio Torquato Lima escreveu uma versão em cordel, com o título adaptado em *Lazarinho de Tormes* (2021).

Em italiano, *grillo* também significa capricho, e especialmente capricho amoroso, e *médico grillo* é aplicado a um médico tolo; E, no entanto, **o grilo deveria ser o adivinho por excelência**. Na Itália, quando propomos um enigma, costumamos terminá-lo com as palavras “indovina! grillo”; (adivinha, grilo); esta expressão talvez se refira ao suposto tolo da história popular, que quase sempre acaba se mostrando sábio. (Gubernatis, 1872, p. 48, grifo e tradução nossos)⁶

O processo lembra as inquirições do conto, replicadas no cordel de Lima, especialmente aquela em que o herói acerta a resposta por seu nome coincidir com o grilo escondido na mão do rei. Ainda segundo Gubernatis,

[...] o sol encerrado nas nuvens e na escuridão da noite é geralmente o tolo, mas é ao mesmo tempo o tolo que, no reino dos mortos, tudo vê, ouve e aprende; e também a lua, personificada como grilo ou gafanhoto, é o suposto tolo que, ao contrário, sabe, vê, entende e ensina tudo; da lua são tirados prognósticos; portanto, enigmas podem ser propostos à lua caprichosa ou ao grilo celestial. (Gubernatis, 1872, p. 48, tradução nossa)⁷

Mesmo que a tese central de Gubernatis, de que os mitos antigos, muitos deles relacionados ao culto dos astros, remanesciam de forma fragmentária nas tradições populares, tenha perdido força, a relação do adivinhão com a lua não é fortuita. O próprio autor do cordel aqui analisado, que também era astrólogo e editor de um almanaque de prognósticos, o *Almanaque de Pernambuco*, faz questão de enfatizá-la:

Na noite que João nasceu,
houve um eclipse na lua,

⁶ Na tradução inglesa: “In Italian, *grillo* also means *caprice*, and especially amorous *caprice*; and *medico grillo* is applied to a foolish doctor. And yet the grasshopper ought to be the diviner *par excellence*. In Italy, when we propose a riddle, we are accustomed to end it with the words “indovina! grillo”; (guess it, grasshopper); this expression perhaps refers to the supposed fool of the popular story, who almost always ends by showing himself wise”.

⁷ Na tradução inglesa: “The sun enclosed in the cloud and in the gloom of night is generally the fool, but he is at the same time the fool who, in the kingdom of the dead, sees, hears, and learns everything ; and the moon, too, personified as a grasshopper or locust, is the supposed fool who, on the contrary, knows, sees, understands, and teaches everything ; from the moon are taken prognostics ; hence riddles may be proposed to the capricious moon, or the celestial cricket”.

e detonou um vulcão
que ainda continua
naquela noite correu
um lobisomem na rua. (Lima, 1951, p. 1. Grifo nosso).

Uma das mais célebres referências ao nosso personagem se encontra nas folhas volantes italianas da *Opera nuova piacevole, e da ridere, de un villano lavoratore nomato Grillo, che volse doventar medico* (Nova obra agradável e para rir de um camponês chamado Grilo, que quis se tornar médico), datada do século XVI, circulando, com grande sucesso, em Bolonha. A esta obra se refere Giambattista Basile, na introdução à primeira jornada do *Conto dos contos* (1634-36), cuja história inicial traz uma princesa sisuda, assim como na facécia italiana, composta em oitavas, em que mestre Grillo aceita o desafio de fazer rir uma princesa.

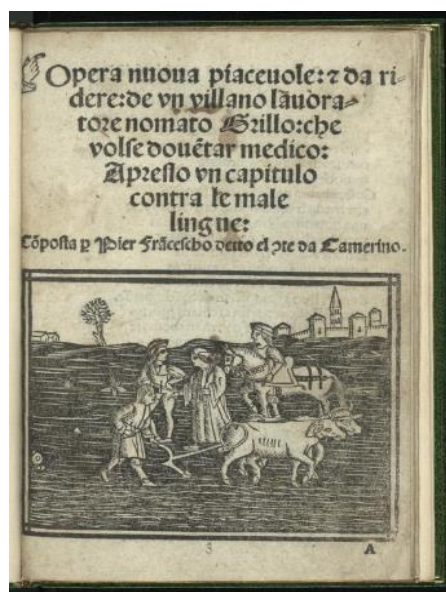
Gubernatis (1872, p. 48), em nota, cita Pietro Fanfani, autor de um *Vocabolario dell'uso toscano*, que afirma haver existido, de fato, em Bolonha, no século XII, um Doutor Grillo. Fanfani, por sua vez, menciona um certo Barotti, de quem reproduz o trecho a seguir, extraído de uma nota a uma obra sobre o burlão Bertoldo⁸:

O nome do Doutor Grillo é famoso por algumas oitavas populares de um antigo autor, nas quais é retratado um camponês tolo que alcançou reputação como um excelente médico por meio de erros e extravagâncias que, felizmente, para sua sorte, deram certo [...] Mas se dermos crédito a Ovidio Montalbano (um homem muito respeitado em sua época e em sua terra natal, Bolonha, além de muito culto), foi Grillo, um médico bolonhês muito talentoso e um dos primeiros a colocar em prática a medicina simpática; com tal arte, que a muitos parecia, e ainda parece, extravagante e ridícula, ele operou várias curas maravilhosas para males muito desesperadores que lhe renderam muito crédito entre príncipes e grandes senhores: mas a inveja despertou muitos adversários, que o caluniaram e o ridicularizaram, e as oitavas mencionadas acima talvez tenham se originado daqui. (Barotti *apud* Fanfani, 1863, p. 460)⁹

⁸ Personagem de folhas volantes italianas durante o século XVI, criado pelo escritor bolonhês Giulio Cesare Croce (1550-1609). Traduzido para o português em 1826, alcançou o Brasil pela tradição oral e pelo cordel, em adaptações de Paulo Nunes Batista, sendo a mais célebre *Astúcias de Bertoldo* (1958).

⁹No original: “È famoso per alcune popolari ottave d’antico autore il nome del Medico Grillo, nelle quali è dipinto uno sciocco villano qui arrivò a farsi credito di medico essellentissimo col mezzo de spropositi e stravaganze, felicemente per gran ventura riuscite [...] Ma se crediamo ad Ovidio Montalbano (uomo a sui giorni assai riputato, e nele così di Bologna sua patria non poco istruito) fu Grillo un valentissimo

Fig. 03 – *Opera nuoua piaceuole, [e] da ridere, de vn villano lauoratore nomato Grillo, che volse doue[n]tar medico*. Impresso em Perugia, Itália, 1518.



Fonte: Acervo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América (Library of Congress).
Lessing J. Rosenwald collection (1977), 790.

Barotti se refere, ainda, a uma inscrição em latim gravada em pedra na igreja de Santo Stefano, em Bologna, em memória de Nonacrina, filha do médico, que morrera antes do pai: “Hic Nonacrina jacet medicant filia Grilli...” (Aqui jaz Nonacrina, filha de Grillo...).

David Gentilcore, professor da Universidade de Veneza, estudando o charlatanismo médico no início da Itália moderna, alude a este enigmático personagem:

Há a história do camponês Grillo (literalmente Cricket) que se torna médico. Consegue satirizar tanto as pretensões dos camponeses quanto a atmosfera e os aprendizados dos médicos. Publicado pela primeira vez em 1518, por Francesco

medico bolognese ed uno dei primi che in uso ponere il medicare simpático ; con la quale arte che a molti è paruta, e pare ancora, stravagante e ridicola, gli vennero fatte diversi cure maravigliose in mali disperatissimi che gli produssero molto credito apresso principi e signori grandi: ma l'invidia gli sucitò contro non pochi avversari, che lo caluniarono, e poseron in burla, e le ottave mentovate di sopra ebbero origine forse de qui”.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

“conde de Camerino” e reimpresso muitas vezes e sob diferentes formas ao longo dos três séculos seguintes, é um exemplo clássico de motivo cujo caminho se situa entre a cultura erudita e a popular. No processo, a figura do médico-camponês tornou-se uma espécie de lugar-comum, aparecendo no título de um almanaque do final do século XVIII e **sobrevivendo como conto popular no século XIX**. (Gentilcore, 2006, p. 26, grifo e tradução nossos) ¹⁰

Gentilcore menciona ainda uma incursão de Grillo pelo teatro popular italiano, como um “bufão mítico”, documentada pelo escritor Tommaso Garzoni (1549-1589) no tratado *La piazza universale di tutte le professioni del mondo* (A praça universal de todas as profissões do mundo), publicado em 1585, 370 anos do *Auto da Compadecida*.

Grillo e outros charlatães, nessa perspectiva, conectam-se ao “homem da cobra”, figura facilmente encontrável nas feiras populares de Portugal e do Brasil até bem poucos anos. Era chamado, por vezes, de “doutor-raiz”, com suas ervas e unguentos pretensamente “miraculosos”. Um desses personagens pitorescos podia ser visto nas feiras de Aparecida e de outras cidades, no sertão paraibano, há cerca de cinquenta anos, conforme depoimento do cineasta José França de Oliveira:

Ele [o doutor-raiz] era da comunidade de Santa Cruz, vizinha a Aparecida. Todos da minha comunidade, com mais de sessenta anos, têm memória dele vendendo pomada, banha de peixe-boi, óleos e *essas histórias*. Uma pessoa de Sousa disse que ele levava uma cobra dentro do saco. Não me lembro do nome dele, mas todo mundo o chamava de **Doutor Grilo**. (Oliveira, *on-line*, 2024) ¹¹

O homem da cobra sobreviveu como uma versão degradada do deus grego Asclépio, associado às artes mágicas e à ressurreição, cujo emblema é a serpente enrolada no bastão, símbolo da medicina. \

¹⁰ No original: “There is the tale of the peasant, Grillo (literally, Cricket) who becomes a physician. It manages to satyriizes both pretences of peasants and the air and learnings of physicians. First published in 1518, by Francesco ‘count of Camerino’ and reprinted many times and in different guises over the next three centuries, it is a classic exmple of motif wending its way between learned and popular culture. In the process the peasant-physician figure became something of a commonplace, appearing as the title of a late eighteenth century almanac and surviving as a folktale in the nineteenth century”.

¹¹ Entrevista via WattsApp em outubro de 2024.

Considerações Finais

Ao tomarmos conhecimento das faces e facetas de João Grilo, personagem andarilho e controverso, em especial a sua associação aos médicos pouco qualificados e aos charlatães, não soa despropositada a burla, no *Auto da Compadecida*, quando o amarelinho finge ressuscitar Chicó, seu companheiro de trambiques, com uma gaita supostamente milagrosa, após haver apunhalado uma bexiga cheia de sangue oculta sob a camisa do amigo. A morte e ressurreição de João Grilo, na peça de Suassuna, é a reencenação paródica da morte e ressurreição de Asclépio (o Esculápio romano). O episódio do instrumento musical que supostamente traz um morto de volta à vida, corrente em muitos países e extraído do folheto *O cavalo que defecava dinheiro*, é dos poucos que se encaixam à perfeição na persona do falso médico, faceta primordial do que viria a ser o nosso João Grilo.

Se o personagem histórico deve sua notoriedade póstuma à disseminação de gracejos pouco lisonjeiros de seus invejosos coetâneos e se *Doutor Grillo* deixou de ser um nome próprio e passou a expressão proverbial para designar médicos tolos ou charlatães, o nosso João Grilo, celebrado hoje no cordel, teatro e cinema, comprova que, por vias tortas, ao final, prevaleceu a poética justiça do tempo.

Referências

- ALCOFORADO, Doralice; ALBAN, Maria del Rosário Suarez. *Contos populares brasileiros*. Bahia/Recife: Massangana, 2001.
- ALMEIDA, Aluísio de. *50 contos populares de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.
- BRAGA, Teófilo. *Contos tradicionais do povo português*, v. 1. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- BRANDÃO, Théo. *Seis contos populares do Brasil*. Maceió: MEC-SEC-Funarte, 1982.
- CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977.
- FANFANI, Pietro. *Vocabolario dell'uso toscano*. Florença: G. Barbera, 1863.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

- GENTILCORE, David. *Medical charlatanism in early modern Italy*. Oxford: Oxford University, 2006.
- GUBERNATIS, Angelo de. *Zoological mythology or Legends of animals*, v. 2. Londres: Trübner, 1872.
- LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. Juazeiro do Norte: São Francisco, 1951.
- LOPES, José Ribamar. *Cordel: mito e utopia*. São Luís: FUNC, 1996.
- MONTEIRO, Pedro. *João Grilo, um presepeiro no palácio*. Fortaleza: Tupynanquim, 2010.
- MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- NASCIMENTO NETO, João Evangelista do. *Perambulações de João Grilo: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-)herói popular*. Tese de Doutorado em Letras. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Letras, 2014.
- OLIVEIRA, José França de. *Entrevista via WattsApp*. On-line, out. 2024.
- PEDROSO, Consiglieri. *Contos populares portugueses*. São Paulo: Landy, 2006.
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- UTHER, Hans Jörg. *The types of international folktales: a classification and bibliography*. 2. ed. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 2011.